

# ÁREA DO TAGUA PARK ESTÁ SENDO OCUPADA E UM MURO É CONSTRUÍDO NO LOCAL

Fotos: Jefferson Rudy



Invasores já oferecem negócios com a área do Tagua Park



Muro de três metros de altura está sendo erguida para marcar área



Liminares obtidas na Justiça são usadas para justificar invasões

# PARQUE INVADIDO

Cristina Ávila  
Rovênia Amorim  
Da equipe do **Correio**

A área destinada ao projeto do Tagua Park — que prevê lazer, comércio, hotéis e até estádio de futebol em Taguatinga — está sendo invadida. No limite com a Colônia Agrícola Samambaia, mais de 30 trabalhadores estão erguendo um muro de tijolos e concreto para cercar um lote de 48 mil metros quadrados. Do lado oposto, em frente às chácaras da Colônia Vicente Pires, arames farpados demarcam um terreno de aproximadamente 150 mil metros quadrados. Uma enorme placa adverte: “propriedade particular, entrada proibida”, ao lado de estacas da Terracap, que aos poucos vão para o chão.

Uma mulher comanda os peões na construção do muro e de um poço, que já deve ter uns 30 metros de profundidade. Ela tem aparentemente 50 anos e diz que se chama Lurdes

Conceição Santana. Mostra um papel da Justiça, mas parece que imediatamente se arrepende. “Não tenho que dar satisfações ao **Correio**. Desocupem a área, caiam fora! Não tô a fim de papo”, diz, nervosa.

Os vizinhos estão de olho no que acontece. Fazem comentários. “Dizem que esta mulher é testa de ferro de uns 10 invasores da terra. Isso aí está sendo cercado para ser vendido. Vale uma fortuna, dá pra tirar uns R\$ 35 mil cada lote, vai dar uns R\$ 700 mil”, calcula um homem, pedindo para não ser identificado. Os moradores têm medo de ter problemas com dona Lurdes.

Ao lado do terreno dela, a terra vermelha vai tomando conta do verde do cerrado, arrastada por trator, como mostra o capim revolvido. De um bar-

raco de madeirite saem dois homens. Não querem falar para quem trabalham. “Não sei”, diz um velhinho, desculpando-se. “Só tô cumprindo ordens.” Parece uma invasão menor. Talvez 500 metros quadrados.

Em vários pontos da área do Tagua Park — que no total tem quase 2 milhões de metros quadrados — há estacas de concreto derrubadas, com a inscrição *Terracap*. Caídas, com a base com ferros ainda fincada no chão. Não houve nem o cuidado de tentar escondê-las. Em al-

guns locais, as estacas ainda estão em pé, com o arame farpado esticado, intocadas. Uns 30 centímetros para dentro, corre paralela outra cerca, de paus, montada por invasores.

Do lado oposto, em frente às chácaras da Colônia Agrícola Vicente Pi-

res, os caminhoneiros que costumam circular todos os dias com areia e cascalho para obras em áreas particulares conhecem tudo. “Nos últimos cinco meses, a cerca da Terracap foi derrubada e a cerca do particular levantada umas cinco vezes. Até outubro mais ou menos seguranças vigiavam a área, eles que colocaram a placa proibindo a entrada”, diz um caminhoneiro sem se identificar.

Os homens dizem que o pretenso dono da terra provavelmente more próximo. “Ele tá sempre aqui no bar”, afirma outro caminhoneiro. Os colegas contam que a área é frequentada por corretores que levam clientes para ver os terrenos.

Não há quem impeça o trânsito de loteadores. O administrador regional de Taguatinga, Arlindo Rosendo de Almeida, diz que não pode fazer nada. “Temos 73 processos com pedidos de liminar de interdito proibitório na Colônia Vicente Pires e Vila São José.” Ele explica que o lote de aproximadamente 150 mil metros qua-

drados e que fica em frente às chácaras da Vicente Pires é um deles. “Esta área faz parte da Vila São José”, diz.

Arlindo Rosendo mostra uma cópia do Diário da Justiça, de 13 de janeiro, com a liminar concedida à Sayonara Santana Teixeira — a filha de dona Lurdes — pela Vara da Fazenda Pública. “Não posso fazer nada, apesar da Justiça não permitir que ela construa e ela continuar construindo”, justifica o administrador. O fiscal da administração Erondes Alves da Silva diz que a cerca da área de 150 mil metros foi derrubada cinco vezes. “A última foi dia 28 de dezembro”, revela.

O administrador alega que a situação está incontrolável porque o governo Cristovam Buarque deixou as invasões correrem soltas. Mas não consegue explicar a culpa da gestão anterior no caso do terreno de dona Lurdes. No dia 3 de janeiro o **Correio** esteve lá e não havia obras. No terreno estavam apenas alguns homens que começavam os primeiros metros de uma cerca de arame farpado.

